



Editorial Caminho

(Ilustração: Danuta Wojciechowska)
Lisboa, 2001

Mia Couto, *O Gato e o Escuro*

- Os meninos não sabem que o escuro só existe é dentro de nós. (...)
- *Dentro de cada um há o seu escuro. E nesse escuro só mora quem lá inventamos. Agora me entende?* (p. 16)

Com o pequeno grande livro *O Gato e o Escuro*, o escritor moçambicano Mia Couto estreia-se no mundo da literatura infantil. E fá-lo de um modo simultaneamente amoroso e convicto, já que o seu discurso é esculpido com uma delicadeza evidente, o que se comprova, por exemplo, através de uma “inventividade” – em muitos momentos, ludicidade – no plano vocabular (característica, aliás, subjacente à totalidade da sua escrita e já apelidada como um conjunto de «brincadeiras do maravilhoso»), ao serviço de uma narração inovadora que parece ser dedicada às crianças.

Com efeito, em *O Gato e o Escuro*, constatamos, para além de uma brilhante articulação texto verbal-texto icónico, a presença alguns paradigmas temático-formais das histórias de destinatário extratextual infantil.

Neste sentido, saliente-se não só a proximidade discursiva com o narratário, traduzida, também, na coloquialidade do registo – «Vejam, meus filhos...» –, mas também a efabulação de um cenário maravilhoso que encerra um conjunto de mistérios. Situamo-nos na fronteira entre o dia e a noite, entre a luz e o escuro, e é a este espaço abstracto, profundamente simbólico, que é atribuída uma espécie de fisicidade, permitindo que um gato, elemento do mundo concreto, o percorra ou o invada livremente. É, no fundo, uma transgressão que se afigura, em última instância, como reflexo de uma ânsia de conhecimento, de atracção pelo misterioso ou pelo proibido. Na realidade, o Pintalgato, “co-protagonista” da diegese (como sugere o título do conto), não se acomoda e tal determinação permite-lhe alimentar voos ou sonhos, propiciadores de uma aproximação a uma outra entidade abstracta personificada, o escuro.

Outro aspecto que parece contribuir para a validação da hipótese de *O Gato e o Escuro* possuir como primeiro destinatário extratextual a criança reside na própria indeterminação da situação temporal.



Observa-se, ainda, na obra, e também muito ao sabor infantil, um desenlace que invalida o caos instalado – a dor/a angústia do Pintalgato – ou, por outras palavras, um afastamento do elemento disfórico, pelo restabelecimento da harmonia inicial: um gato feliz, mas desobediente, protegido maternalmente por uma carinhosa mãe gata, que «ronrona ternuras» e também «esfrega carinhos no corpo do escuro».

Inerente à narração em causa julgamos, também, estar presente um certo didactismo em relação ao leitor-receptor, evidenciado pela sugestão de valores como a tolerância, o direito à diferença e a importância do autoconhecimento e da auto-aceitação.

Ainda que os limites desta recensão não possibilitem uma abordagem aprofundada das diversas “vozes intertextuais” ou da «pluralidade de outros textos»¹ que, neste conto de Mia Couto, se fazem “ouvir” de modo mais ou menos nítido, é inevitável não o aproximarmos dos contos *O Patinho Feio*, de A. C. Andersen ou, ainda, de *Os Ovos Misteriosos*, de Luísa Ducla Soares.

Sob outra perspectiva e atendendo, por exemplo, à valorização de alguns aspectos temáticos ou de certos motivos, somos levados a infirmar a hipótese desta ser uma narrativa exclusivamente vocacionada para um público infantil. O facto é que os “níveis de leitura” deste texto são verdadeiramente plurais e, em certos momentos, não só a mensagem subjacente a esta história parece possuir um maior alcance, como também o próprio registo discursivo se revela mais intrincado e, logo, mais “adulto”.

Uma última palavra para assinalar a relevância da componente pictórica de *O Gato e o Escuro*. Na verdade, as ilustrações de Danuta Wojciechowska, quer pelas opções cromáticas, quer pela configuração simbólica² inerente aos elementos figurativos conjugados neste “mini-álbum”, contribuem, em larga medida, para a reconstrução de um universo onírico, alargando, de certo modo, o texto verbal.

De qualquer forma, e independentemente do destinatário preferencial de *O Gato e o Escuro*, o que importa é que este constitui um texto “inovador e criativo”, uma história delicada que nos obriga a «despersianar» os olhos, nos coloca o coração a «tiquetaquear» e nos faz concordar que, como afirma o próprio autor, interessante e antes de tudo é a vida...

Sara Raquel D. Reis da Silva
Universidade do Minho

Bibliografia

BARTHES, Roland, *S/Z*, Paris, Éditions du Seuil, 1970, p. 16.

DINIZ, Maria Augusta Seabra, «O Gato e o Escuro», in *CRILIJ*, Boletim N.º2, 2002, p. 36.

RIBEIRO, A. M., «Mia Couto» (Entrevista), *DNa* (Suplemento do *Diário de Notícias*), 15/05/1999, p. 10-15.

SEIXAS, M. J., «Conversa com vista para Mia Couto», *Pública*, N.º188, 02/01/2001, p. 20-25.

TOMÁS, A., «Camaleonar a língua», *Mil Folhas* (suplemento de *Público*), 08/09/2001, p. 10.

¹ Roland Barthes, *S/Z*, Paris, Éditions du Seuil, 1970, p. 16.

² Por exemplo, logo no início, observa-se a representação de um gato preto, animal cujo simbolismo é heterogéneo, em cima de um livro fechado, a sugerir não só a sabedoria, mas também, talvez, o mistério de um segredo guardado.



José Jorge Letria, *António e o Príncipezinho*, Porto, Desabrochar, 1993.
(Ilustrações de Manuela Bacelar)

António e o Príncipezinho, editado já em 1993, reúne dois nomes ilustres do mundo da produção literária portuguesa destinada aos mais novos, visto que encontramos, lado a lado, as palavras de José Jorge Letria, escritor premiado, e as expressivas ilustrações¹ de Manuela Bacelar, artista plástica também de renome.

Tendo como ponto de partida o conhecido conto original de Antoine de Saint-Exupéry, *O Príncipezinho*, assistimos à mistura do real e do ficcional, sendo o autor francês a que nos referimos – personagem referencial, portanto – colocado no interior da criação literária e em íntima interacção com uma personagem central, por si inventada: o Príncipezinho, essa «figurinha, muito elegante e composta» que ostentava «uma estrela em cada ombro» (p. 16).

Para além do jogo real-onírico que acabámos de sugerir e que se reflecte, por exemplo, na oscilação entre espaços verdadeiros e espaços (re)inventados (como a escola de Friburgo, a casa de Saint-Maurice ou o aeródromo de Borgo e o fundo do mar), entre personagens referenciais e personagens ficcionais (Jules Védrières ou o próprio Antoine/António a “contracenar” com o Príncipezinho) e, até mesmo, entre um tempo histórico (o da Segunda Guerra Mundial²) e um rico tempo psicológico, feito de sonhos e de viagens imaginárias, existem simultaneamente outras isotopias que contribuem para a interessante configuração temático-ideológica do conto em análise. Neste sentido, é possível detectar os seguintes jogos antinómicos: mar/terra (céu); infância/idade adulta; presente/passado; mal/bem; guerra/paz.

Recorrentes são, ainda, os segmentos textuais que evidenciam o amor à escrita e aos livros, sendo este tópico geralmente colocado em oposição à situação de infelicidade e/ou

¹ Nunca é demais salientar a beleza dos óleos de Manuela Bacelar que ilustram *António e o Príncipezinho*. Julgamos, também, interessantes as opções gráficas (tipo e textura do papel – reciclado –, tamanho, etc.), evidenciadas nesta edição deste livro de José Jorge Letria. Se estes elementos paratextuais são, de facto, relevantes para a construção de sentidos, não menos importantes são, por exemplo, a dedicatória e a nota introdutória de índole explicativa, textos que servem essencialmente para contextualizar, do ponto de vista histórico, a acção que vai ser narrada.

² No texto, é introduzida, a dado momento, a referência à «manhã do dia 31 de Julho de 1944» (p. 12).



de vida forçada. Escrever parece, assim, representar uma feliz obsessão exteriorizada emotivamente pelo narrador ou, por outras palavras, uma forma particular de evasão no tempo e no espaço, profundamente ligada a uma sensibilidade, a uma felicidade e a uma paz só possíveis no mundo dos livros e que, a todo o instante, sobressaem do livro especial de José Jorge Letria que aqui recordamos.

Aliás, em *António e o Príncipezinho*, o universo de emoções transparece das palavras do narrador sempre que, activando «os olhos invisíveis da memória» (id., *ibid.*, p. 20), evoca, com os co-protagonistas, o passado, a figura materna ou os locais da infância do escritor Saint-Exupéry.

Parecendo querer provar a intemporalidade de *O Príncipezinho*, neste livro de José Jorge Letria, assistimos, também, e na linha do que ocorre no conto do francês Saint-Exupéry, a uma evidente valorização da amizade, em particular, e das relações humanas, em geral, porque o que importa realmente é que se tenha sempre «com quem conversar, com quem partilhar» preocupações e alegrias (p. 20).

Reinventada, deste modo, a biografia do autor de *Voo Nocturno* ou de *O Príncipezinho*, este livro de José Jorge Letria serve, antes de tudo, de homenagem a Antoine de Saint-Exupéry, proporcionando também e naturalmente uma (re)aprendizagem de como, nas vidas inventadas que aí habitam, tal como nas nossas vidas reais, o importante é o conhecimento que se ganha do ser humano, «da sua maneira de ser e de sentir», porque, seguindo de perto as palavras de José Jorge Letria, cada um de nós representa «um livro aberto», onde se pode estudar, a cada instante, «sentimentos, alegrias e tristezas» (p. 29).

Sara Raquel D. Reis da Silva
Universidade do Minho

Bibliografia

GOMES, José António, «Saint-Exupéry: uma descoberta permanente (pela mão de Ruy Belo e de José Jorge Letria)», in *Livro das Pequenas Viagens*, Matosinhos, Contemporânea Editora, 1997, p. 119-122.



MELO, José de, *Tomaz de Figueiredo (Ou a Procura do Bem Perdido)*. Edição Comemorativa do Centenário de Tomaz de Figueiredo (1902-2002), Itercom, 2002.

Não obstante tratar-se comprovadamente de um dos nossos maiores ficcionistas, o certo é que o centenário de Tomaz de Figueiredo, nascido em Braga, mas para quem Arcos de Valdevez foi terra de eleição, passou praticamente despercebido, dada a pouca relevância que me parece ter-lhe sido atribuída.

Todavia o escritor, poeta e romancista José de Melo, o mais devotado conhecedor e estudioso da obra do autor de *A Toca do Lobo*, que já, em 1962, em *Encontros I*, num ensaio sempre citado, dele se ocupa, publica, agora, *Tomaz de Figueiredo (ou a procura do bem perdido)*. Usando de um título já de si interpretativamente muito sugestivo, o livro, não só faz lembrar a data comemorativa, mas, em simultâneo, presenteia quantos, por prazer ou ofício, se movem no círculo das letras.

É que, além da exaustão bibliográfica, dificilmente haverá, no livro de José de Melo, relativamente à diversificada obra de Tomaz de Figueiredo, aspecto literário que não tenha sido assinalado.

Curioso reputo ainda o facto de, dentro do valor didáctico inerente ao trabalho em apreço, usar o seu autor da vivacidade dum estilo de quem dir-se-á mover-se e conviver ele mesmo no espaço ficcional do criador de *D. Tanas de Barbatanas*, estilo que é, aliás, o do romancista de *Santelmo, às Quatro*.

Virgínia de Carvalho Nunes